

# **“ESCRITORES DA LIBERDADE”: O VOO DE UMA TURMA DE 5º ANO**

Jucyanne e Silva Ibiapina, graduanda em Pedagogia, UFPI.

Aurenice Pinheiro Tavares.

## **RESUMO**

O presente artigo é resultado de um projeto intitulado “Escritores da Liberdade”: o voo de uma turma de 5º ano, realizado na Escola Municipal Antônio Dilson Fernandes, em Teresina-PI. O mesmo foi realizado com o intuito de estimular a leitura e a escrita das crianças da referida turma por meio de atividades de literatura realizadas com recursos fáceis de serem encontrados na escola ou de baixo custo. Sabe-se que tais atividades são fundamentais ao processo de desenvolvimento humano, mas, muitas vezes, as escolas não dispõem das condições necessárias à realização de iniciativas como essa. O projeto não só apresentou soluções que dinamizam a sala de aula, mas também revelou um grave problema enfrentado por muitas crianças nesta faixa etária.

Palavras-chave: Educação; Leitura e Escrita; Emancipação humana.

### **1. Introdução**

A leitura e a escrita são indispensáveis ao desenvolvimento humano, tanto na vida acadêmica, quanto social. Ao analisarmos o desempenho dos alunos do 5º ano da escola em que foi realizado o projeto de intervenção foi notória a diferença existente entre os níveis de leitura e escrita de crianças de mesma idade e série. A escola a qual nos referimos é a municipal Antônio Dilson Fernandes, situada em Teresina, Piauí. De acordo com os relatos das professoras e averiguação das notas avaliativas da turma, os alunos não se apropriaram da leitura e escrita satisfatoriamente, além disso, encontram-se desestimulados a este tipo de atividade ocasionando baixos índices de desempenho.

A preocupação em se inserir alunos do 5º ano do ensino fundamental do turno da tarde da Escola Municipal Antônio Dilson Fernandes no mundo da leitura e escrita de forma dinamizada para que estes alunos adquiram interesse em visitar a biblioteca bem como, produzir histórias a partir de leituras realizadas foi o que norteou a realização do projeto. Compreender de que maneira podemos trabalhar um projeto de leitura usando poucos recursos e contando com o material que a escola possui em seu acervo, levando em consideração a realidade da escola pública por um todo foi um desafio a ser superado.

Com a entrada cada vez mais precoce das crianças no mundo digital e imagético, a paixão pela leitura e escrita parece ter ficado em último plano para as crianças. Segundo LERNER (apud MARTINS, 2002, p. 1):

O desafio é formar praticantes da leitura e da escrita, e não apenas sujeitos, que possam decifrar o sistema de escrita. É – já o disse – formar leitores que saberão escolher o material escrito a de quando para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não alunos capazes de, oralizar um texto selecionado por outro. É formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade de outros.

A execução do projeto justificou-se pela relevância que a leitura e a escrita assumem no processo ensino aprendizagem. Na medida em que os alunos encontravam-se desestimulados, e seu desempenho tendendo a cair, ocasionando uma turma com déficit na aprendizagem, tornou-se fundamental criar um estímulo exterior para que os alunos não só apreciassem a leitura, visitassem a biblioteca, como também produzissem suas próprias historinhas, a partir do que leram e de suas próprias experiências. E é neste sentido que o seguinte artigo foi desenvolvido com a explicitação e detalhamento das atividades realizadas durante três semanas na referida instituição de ensino.

## **2. A realidade da escola pública**

É de conhecimento geral que a realidade da escola pública atualmente dificulta um pouco o trabalho pedagógico, não há muitos recursos com os quais trabalhar em sala a leitura e a escrita das crianças e o professor deve “se desdobrar” para levar à sala de aula novas alternativas e incrementá-la com novidades que atraiam a atenção dos alunos e sem investir parte do seu salário nisso. Sendo assim, Kenski (2007, p.15) afirma que:

As tecnologias são tão antigas quanto à espécie humana. Na verdade, foi a engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem às mais diferenciadas tecnologias. O uso do raciocínio tem garantido ao homem um processo crescente de inovações. Os conhecimentos daí derivados, quando colocados em prática, dão origem a diferentes equipamentos, instrumentos, recursos, produtos, processos, ferramenta, enfim, as tecnologias.

Nas condições atuais, ser professor exige criatividade reutilizável e, em uma sociedade de discurso sustentável, tem sido a alternativa mais viável para muitos deles. Em projetos tais como de leitura, não basta somente colocar os livros nas mãos dos alunos e deixar que estes façam o resto. Atualmente, o gosto pela leitura tem diminuído em detrimento das mídias que são mais “interessantes” e atrativas que as letras de um livro. E como a leitura é primordial

para a escrita, essa falta implica em graves deficiências gramaticais que influem nos índices educacionais ao fim do ano e no rendimento escolar de uma turma.

A partir de tais considerações, Lerner (apud Martins, 2002, p.1) afirma que:

O desafio que devemos enfrentar, nós que estamos comprometidos com a instituição escolar, é combater a discriminação desde o interior da escola; é unir nossos esforços para alfabetizar todos os alunos, para assegurar que todos tenham oportunidades de se apropriar da leitura e da escrita como ferramentas essenciais de progresso cognoscitivo e de crescimento pessoal.

Os esforços empreendidos no incentivo à leitura devem acontecer desde os anos iniciais para que o processo de assimilação seja mais fácil e menos dispendioso já que as crianças estão mais “ariscas” quando mais velhas e se tenta alfabetizá-las. Pode-se perceber que há uma defasagem no ensino da leitura e da escrita, não há um motivo real para tal aprendizagem, além do fato de ser uma exigência social. As aulas continuam as mesmas, em contrapartida, os alunos não. Eles não aceitam mais aquela velha e já tão conhecida relação de superioridade entre professor e aluno, mesmo nas séries iniciais, há uma exposição, mesmo que mínima de sua opinião. Por mais que pareça absurdo e surreal, eles escolhem o que lhes é mais interessante conhecer e saber.

De tal maneira, nem sempre é fácil fazer tais exposições, já que há um discurso repressor de críticas construtivas ou não a um sistema tão enraizado nas instituições escolares. Segundo Moran (2000, p.11):

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada?

Desta forma, faz-se necessário mencionar que manter a atenção dos alunos, motivá-los, principalmente em atividades hoje consideradas ultrapassadas, a exemplo do hábito de ler, é uma tarefa árdua e que muitos docentes encontram-se despreparados para tal “missão”. O resgate de técnicas tradicionais como o recorte, a colagem, o desenho, atualmente, vem embutidos de um novo discurso, não se tratando mais de atividades “dos tempos dos avós”. A utilização das mesmas ajuda no desenvolvimento da prática pedagógica eficaz, levando em consideração que a tecnologia, na escola pública, ainda é um artigo raro. Vale ressaltar que a tecnologia da qual tratamos não diz respeito apenas àqueles aparelhos “ultramodernos”, mas

aos recursos simples do dia-a-dia que podem ser utilizados de uma forma criativa sem deixar a desejar frente as “grandes apresentações”.

### **3. A Escola Municipal Antônio Dilson Fernandes e os “Escritores da Liberdade”**

A escola em que foi realizada o projeto de intervenção, além de oferecer do 1º ao 9º ano do ensino fundamental regular diurnamente, oferece também a modalidade da educação de jovens e adultos – EJA - à noite. Tal escola é municipal, seu nome é ANTONIO DÍLSON FERNANDES, localizada na rua Alferes Deodato da Costa Veloso, nº 243, no bairro São Joaquim, zona norte de Teresina, no estado do Piauí. Encontra-se em uma comunidade visivelmente carente onde atende cerca de 564 (quinhentos e sessenta e quatro) alunos de ensino fundamental, em uma estrutura de 10 (dez) salas, uma quadra, cantina, secretaria e um razoável espaço de recreação para as crianças.

As atividades educacionais da Escola Municipal Antônio Dílson Fernandes iniciaram em 1994 com apenas 05 (cinco) salas de aula. Foi construída com o esforço coletivo de pessoas comprometidas com as causas e ao acesso das camadas mais pobres da população à cultura e ao saber. Em sua organização existe um Projeto Político-Pedagógico e em relação aos conteúdos ministrados na escola, há referências Curriculares do Ensino Fundamental do 1º ao 9º Ano, baseada nas diretrizes curriculares do município de Teresina.

O motivo da escolha da escola aconteceu por indicação de uma professora que despertou o interesse do grupo em realizar o projeto em uma realidade diferente, em um contexto “de bairro”. Na primeira visita, a receptividade da direção e o apoio da equipe pedagógica e dos professores estimularam ainda mais o grupo e o contato inicial com alguns alunos aumentou ainda mais a expectativa do grupo em trabalhar naquele local. Apesar da dificuldade de acesso à escola, optamos por esta escola não só pelo desafio do trabalho, mas pelos sentimentos despertados durante a visitação.

A turma do 5º ano a qual fora aplicada as atividades previstas no projeto é constituída de 35 alunos, com idades entre 9 e 12 anos, bem heterogênea, a turma durante toda a realização do mesmo mostrou-se participativa e empenhada, até mesmo os alunos que não tinham a prática da leitura, com dificuldades, procuraram ao máximo participar. Por ser uma escola de comunidade carente, observamos que alguns desses alunos vivem em situação de risco,

convivendo diretamente com a criminalidade, o que resulta em crianças carentes não só de bens materiais, mas, sobretudo de afeto.

#### **4. Metodologia**

A metodologia empregada na realização do projeto “Escritores da liberdade”: voo de uma turma de 5º ano, ocorreu através de etapas, seguindo um cronograma pré-estabelecido e suas possibilidades de execução, sendo utilizados recursos visuais, apresentação de peças teatrais, leitura de livros da escola, oficina de fanzine e confecção de um livro autoral, com pelo menos 90% dos alunos do 5º ano. A primeira etapa realizou-se a partir da visitação à biblioteca da escola, com seleção e organização dos livros que seriam repassados aos alunos para que estes realizassem a leitura. A segunda etapa incluiu a contação da história “O Gato e o Burro” e dramatização do reconto da mesma, com a utilização de máscaras e caixas de papelão, tapetes de TNT e roupas usadas. O momento de leitura por parte dos alunos, após a dramatização, possibilitou a realização da terceira etapa, a produção de historinhas com a técnica de fanzine, sendo disponibilizada aos alunos papel, tesoura, cola e revistas velhas.

O auxílio a alguns alunos para a produção das historinhas foi imprescindível para que estes se sentissem a vontade e fossem deixados levar pela imaginação e criatividade. As histórias produzidas constituíram a confecção de um livro, que após edição foi reproduzido e entregue a seus autores.

#### **5. Resultados**

A experiência durante os dias de realização do projeto permitiu a aproximação da realidade que nos espera em sala de aula. O projeto dividido por etapas foi satisfatório, no primeiro dia de intervenção, as crianças mostraram-se bem animadas com a novidade e com a proposta apresentada. O objetivo inicial era trabalhar com as duas turmas de quinto ano, entretanto, devido ao tempo, só foi possível trabalhar apenas com quinto ano “A” constituído de 35 alunos entre 9 e 12 anos. Um dos pontos fortes do trabalho realizado foi o fato de a professora regente desenvolver um projeto de leitura juntamente com os alunos e paralelamente ao que estava sendo proposto, esse contato anteriormente promovido com a leitura facilitou a atuação. As primeiras etapas foram concluídas com sucesso com a leitura do conto intitulado “O Gato e o Burro” com a ajuda dos alunos, logo depois, ocorreu a reapresentamos o mesmo, mas adequado à realidade vivenciada por eles, depois disso,

realizou-se um momento de leitura, no qual as crianças puderam escolher títulos que mais lhes interessassem em livros pré- escolhidos.

As metas estabelecidas e o cronograma inicialmente proposto no projeto sofreram alterações devido à falta de água na cidade, às outras atividades da universidade, além da greve dos professores da rede municipal de ensino, dessa forma, as datas foram alteradas. À visita à biblioteca, por parte dos alunos, também não foi possível devido ao fato dela não estar em condições de recebê-los e a bibliotecária estar em licença médica. Na segunda visita, o grupo foi surpreendido pelo fato da turma (única que estava em aula na escola) fazendo provas, foi possível realizar a atividade mesmo assim, esperando aos poucos que eles saíssem para dar continuidade ao projeto, com o ensino e confecção de fanzines para o livrinho da turma. Dessa forma, a meta em alcançar 90% dos alunos não foi possível, das 35 crianças inicialmente, o trabalho foi realizado com 24 (69%) além de três outras crianças do 3º ano que quiseram participar da intervenção também. A terceira visita, de retorno com os trabalhos iniciados também não saiu como o planejado, a professora do dia havia faltado e a turma foi liberada minutos antes da chegada do grupo à escola, diante esta dificuldade e reunião de apenas seis crianças, a finalização(parcial) do projeto ocorreu com as mesmas, entretanto, uma nova visita de agradecimento será planejada.

O “Escritores da Liberdade” envolveu, de certa forma, todos da escola que se mostraram dispostos em contribuir com o projeto e, não só a turma trabalhada, durante as apresentações iniciais e finais, crianças de outras séries, principalmente o terceiro ano que também não estava de greve, presenciaram as atividades realizadas. Apesar das metas não terem sido atingidas como esperado, foi perceptível a mudança da visão das crianças em relação à leitura, inclusive, elas até escreveram historinhas depois do dia da segunda visita, por conta própria e estavam mais dispostas a ler o que lhes eram solicitados. Contudo, foi impactante deparar-se com uma realidade de leitura e escrita bem diferente da esperada de uma turma da mesma série, pode-se ser constatado que as crianças de terceiro ano que participaram do projeto mostraram-se bem mais fluentes na organização lógica das ideias e gramática, apesar do exercício ser de recorte e colagem, muitas optaram por escrever também, o que permitiu conhecer o nível de aprendizagem e de pensamento das mesmas.

A partir dos textos produzidos, constatou-se a dificuldade de leitura que muitas crianças apresentaram durante a atividade de leitura, inclusive o caso de uma delas (10 anos) que não sabia ler e usava o método da “leitura de imagens”, fora utilizados o próprio livro para ajudá-la, mas devido ao pouco tempo e aos desencontros, esta criança não participou das atividades posteriores. O projeto em si não foi dispendioso financeiramente, podemos

perceber o quanto uma aula pode ser criativa e interessante contando com a imaginação das crianças e o que está ao nosso alcance, as metas podem ser alcançadas. Para isso é importante contar com o apoio da equipe pedagógica e gestora da escola, trazendo à tona esta questão de que a escola para ser eficaz e presente precisa da harmonia e da cooperação de todos os envolvidos. De acordo com Moran (2000, p.56):

Os processos de comunicação tendem a ser mais participativos. A relação professor-aluno mais aberta e interativa. Haverá uma integração profunda entre a sociedade e a escola, entre a aprendizagem e a vida. A aula não é um espaço determinado; mas tempo e espaço contínuos de aprendizagem.

Tratando-se da utilização dos recursos didáticos e tecnológicos foi de enorme satisfação encontrar fortes aliados ao processo educacional, às crianças interagiram mais, queriam participar do processo, auxiliar o grupo das mais variadas formas tais como a “criação” do ambiente favorável ao projeto.

O projeto não saiu tal qual esteve no papel, durante toda a sua execução, percebeu-se a necessidade de se fazer modificações que se adequassem ao momento e às necessidades das crianças, alguns imprevistos tais como a falta de água, a semana de provas e a falta da professora, atrapalharam, mas foi possível que parte do planejado fosse cumprido e “concluir” os objetivos iniciais de estimular a leitura e a escrita por meio de recursos baratos, de fácil acesso e de ampla utilização. O “Escritores da Liberdade” tem vistas à continuidade para as demais turmas e, para isso, o grupo já conta com o apoio, novamente, de toda a comunidade escolar.

## **6. Conclusão**

A realidade vivenciada pelos alunos da Escola Antônio Dilson Fernandes é de lutas e sacrifícios, a própria escola não apresenta um perfil como as demais, ela foi criada graças ao esforço da comunidade e se mantém através de muito empenho da mesma e da equipe gestora de cobrar seus direitos. Por meio do trabalho desenvolvido possibilitou a percepção da realidade que permeia as salas de aula da rede pública municipal de ensino: alunos das mais variadas idades em uma mesma turma, com interesses diferentes e métodos de abordagem diversificados. Sendo assim, faz-se necessário reconhecer que a utilização dos mais variados recursos faz toda a diferença na sala de aula, eles não só prendem a atenção, mas convidam à interação, à produção do conhecimento e à participação em sala de aula.

A utilização de recursos didáticos e tecnológicos (tais como roupas usadas, caixas e máscaras de papelão, cartolinas, fita, livros da biblioteca, revistas usadas, peça de teatro, papéis, etc.) chamou a atenção das crianças que ficaram encantadas com os materiais que lhes foram apresentados e sentiram-se estimuladas a cooperar com o grupo em toda atividade proposta. Desta maneira, torna-se de fundamental importância que o professor conheça sua turma para que só então escolha a melhor forma de atuar sobre ela, mas de maneira que todos participem e sintam-se bem durante a realização da aula ou qualquer outra atividade em pauta.

Desta maneira, conclui-se que transformar a sala de aula em um ambiente dinâmico e propício à germinação de novos conhecimentos depende da maneira com a qual olhamos os objetivos a serem alcançados e trilhamos o caminho ao “alvo” com os recursos que temos em mãos, independente do grau de sofisticação ou não, quem “faz” a aula, ainda é o professor. A leitura e a escrita estão intrinsecamente ligadas e para o desenvolvimento da apreciação e aperfeiçoamento das mesmas, bem como, que o desempenho do processo ensino aprendizagem seja satisfatório é imprescindível o desenvolvimento de técnicas de estímulo à leitura e a produção do aluno.

## 7. Bibliografia:

AZEVEDO, Ricardo. **Histórias que o povo conta**: textos de tradição popular. São Paulo : Ática, 2002. – (Coleção literatura em minha casa ; v.5)

KENSKI, Vani Moreira. O que são tecnologias e porque elas são essenciais. In: \_\_\_\_\_ **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007. p. 15-26.

MARTINS, Kelly Cristina Costa. **A criança e a escrita nos primeiros anos de escolarização**.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: \_\_\_\_\_ **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000. P.11-65.